

O MITO MANDELA E O SONHO DE UMA NAÇÃO ARCO-ÍRIS

MANDELA'S MYTH AND THE DREAM OF A RAINBOW NATION

Maria Angélica Seabra Rodrigues Martins
Doutora em Linguística e Língua Portuguesa
Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicações-Unesp-Bauru-SP
(mangelica@faac.unesp.br)

RESUMO: Nelson Mandela constitui um exemplo de luta e de superação das adversidades, desde sua prisão, em 1962, até sua eleição para a presidência, em 1994. Com seu empenho em colocar um fim ao *apartheid* na África do Sul, seu percurso pode ser comparado ao de um herói, nos moldes clássicos, segundo a visão antropológica de Eliade (1972), de Campbell (1991; 2007) e a ótica estruturalista de Propp (1984). Seu percurso rumo à heroicidade e os recursos utilizados para obter a adesão da minoria branca (afrikaners) a seus propósitos de união racial na África do Sul, ao ser eleito presidente, serão analisados neste artigo, com o apoio da semiótica greimasiana, dos estudos de Propp (1984) e da antropologia. Como objeto de análise, será adotado o filme *Invictus* (2009), que aborda o momento da luta político-social de Mandela-presidente, com auxílio do time de rugby local, para obter a integração racial no país e o apoio político da minoria branca.

Palavras-chave: Mito; Estruturalismo; Semiótica; Apartheid; Integração racial

ABSTRACT: Nelson Mandela has been an example of fighting and going over the adversities since his prison in 1962 until his election to be the president of South Africa in 1994. His effort against the apartheid in South Africa might be compared to a classical hero according to the anthropological view of Eliade (1972), Campbell (1991; 2007) and Propp's structuralist perspective (1984). His journey toward heroism and his strategies to get the adhesion of the white minority (Afrikaners) to his purposes of joining the races in South Africa will be analyzed in this article with the theoretical support of the Greimasian semiotics, Propp's studies (1984) and anthropology. The movie *Invictus* will be the object of analysis as it shows the moment of Mandela's social-political fight as the president, with the support of the local rugby team in order to have the racial integration in the country and the political support of the white minority.

Keywords: Myth; Structuralism; Semiotics; Apartheid; Racial integration

Uma análise da vida de Nelson Mandela até os episódios abordados no filme evidencia que seu percurso, como o de todo herói clássico, invariavelmente inicia-se com uma necessidade de aprendizado que leva o futuro herói a se afastar de seu torrão natal. Dessa forma, na mitologia, Ulisses parte de Ítaca rumo a Tróia, Hércules afasta-se cada vez mais do Peloponeso para realizar seus doze trabalhos, Teseu deixa Atenas rumo a Creta para enfrentar o Minotauro e Mandela deixa a sociedade, indo para a prisão. Era um jovem estudante de Direito que enfrentava o

governo, liderando movimentos estudantis e grevistas, sendo preso e sentenciado, em 1962, a cinco anos de reclusão em Robben Island, uma ilha prisional totalmente afastada do continente. Entretanto, dois anos após, sua pena foi comutada para prisão perpétua e Mandela passa vinte e sete longos anos no presídio, acusado de traição à pátria. Nesse lugar que Bettelheim (1987) denominaria o “lá-então”, desenvolve o percurso do herói, adquirindo as competências necessárias à obtenção de sua heroicidade: sabedoria, comedimento, capacidade de perdoar, humildade, astúcia.

Em 1990, por intercessão do presidente De Klerk, obtém sua libertação, descobrindo que o tempo que permanecera na prisão conferira-lhe, aos olhos da população negra, o hausto de herói. Em 1993 recebe o prêmio Nobel da Paz, que divide com De Klerk e em 1994, aos 75 anos, é eleito o primeiro presidente negro da África do Sul. A partir do momento que assume o cargo, inicia-se sua jornada rumo à unificação social e racial do país, lutando pela superação das diferenças raciais entre brancos e negros na terra do *apartheid*, adotando como lema a reconciliação e o perdão.

O filme **Invictus**, de 2009, dirigido por Clint Eastwood e estrelado por Morgan Freeman como Mandela e Matt Damon como François Pienaar, tem início a partir da posse de Mandela quando, na condição de presidente, depara-se com as reais dificuldades que irá enfrentar, principalmente entre os membros da minoria branca, porém dominante até então. O início do filme revela a segregação vigente no país, ao mostrar uma cena em que garotos brancos e negros separados por uma rua, praticam esportes. Os primeiros, uniformizados, treinados por um técnico, jogam rugby, o esporte dos brancos, em um campo formado por um gramado muito bem cuidado; do outro lado da rua, em um campinho de terra esburacada, garotos negros, pobres, sem uniformes, descalços, alguns sem camisa, brincam com uma bola de futebol. Essa distinção inicial demarca o esporte como elemento racial: o rugby, dos brancos; o futebol, dos negros, e ambos se ignoram.

A cena seguinte evidencia a importância de Mandela para o segmento dos meninos mais pobres, que param o jogo para observar, junto ao alambrado que cerca o campinho improvisado, uma fileira de carros oficiais que segue pela rua. Compreendendo o símbolo oculto – para os garotos brancos – dessa procissão, gritam “Mandela!, Mandela! Mandela!”, como se estivessem ovacionando um herói.

Na verdade, o cortejo do governo trazia Mandela libertado da prisão. Os garotos brancos, nascidos durante o período da prisão do líder negro, não entendem o entusiasmo dos meninos do outro lado da rua. Nesse momento do filme, o tema do apartheid surge figurativizado na resposta do técnico à indagação de um dos garotos do time de rugby, sobre quem seria a pessoa ovacionada: “É aquele terrorista, o Mandela. Foi libertado. Lembrem-se deste dia, rapazes. Hoje, nosso país foi à ruína.”

A seguir, é utilizado o recurso da debreagem enunciativa, em que a mídia surge como elemento enunciativo, estabelecendo a progressão do discurso e a ancoragem no real, ao revelar os acontecimentos que se desencadeiam na África do Sul, com a libertação de Mandela. Na televisão, o noticiário apresenta:

A recente libertação de Mandela desencadeou a luta pelo poder entre a CNA e seus rivais negros. Especula-se que o governo fornece armas secretamente a esses últimos, contribuindo para a violência que se espalhou pelo país. A África do Sul parece estar à beira de uma guerra civil (*locutor*, no filme)

Observa-se que o poder branco do apartheid que controla a mídia e a economia local atuam como enunciadores nesse discurso, deixando entrever as marcas de que a soltura de Mandela seria a responsável pela desestabilização do país. Cenas mostrando telespectadores assistindo aos noticiários, confirmam essa persuasão exercida pelo destinador/mídia sobre o destinatário/afrikaners. A atitude belicosa mostrada, por exemplo, pelo pai do jogador François Pienaar, diante do noticiário, revela que houve uma sanção positiva por parte do destinador. Mandela, enquanto sujeito que adquiriu a competência do saber-fazer durante o tempo em que esteve na prisão, manifesta-se, dirigindo-se ao foco dos conflitos – Durban – e faz um discurso aos jovens e irados partidários do CNA, convencendo-os a estabelecerem a paz. Novamente a mídia interfere, noticiando os acontecimentos, registrando a história, o que a ancora em fatos reais, conferindo credibilidade ao discurso elaborado no roteiro cinematográfico, ao mostrar a cena em que Mandela profere um trecho-chave de sua fala: “Peguem suas facas, seus revólveres e seus facões e joguem-nos no mar!”

Esse é o caminho de Mandela em direção à presidência, mudando os rumos do país, o que novamente é registrado pela mídia e exibido pelo filme, de forma a conferir credibilidade: “Após quatro anos de conversas, o dia pelo qual os

negros sul-africanos esperavam finalmente chegou. Pela primeira vez, eles podem votar ao lado dos brancos. Estima-se que 23 milhões de pessoas foram às urnas hoje.” Observa-se nessa fala do locutor do telejornal que há um pressuposto de que os negros não votavam ao lado dos brancos, está subentendido que eles esperavam ter esse direito, o que implica mudanças já iniciadas e que continuam em andamento. Mandela é eleito, mas enquanto sujeito está disjuncto de seu objeto-valor: união dos sul-africanos, abolindo as fronteiras do *apartheid*.

O primeiro dia de Mandela como presidente é marcado por modificações que surpreendem a todos, brancos e negros. Enquanto sujeito de fazer, executa ações que causam estranhamento, como manter no governo assessores ligados ao antigo regime, deixando a critério de cada um decidir sua própria saída, afirmando que o apoio ao antigo governo, a cor da pele e até mesmo a própria língua falada pelos brancos, diferente da dos negros não seria um obstáculo para permanecerem nos cargos, caso realmente quisessem trabalhar em prol da construção do país, pois o passado deveria ser deixado para trás, o que importava era o futuro. Dessa forma, utiliza os temas do perdão e da conciliação, figurativizados nessa atitude com os antigos funcionários. Também chama para sua guarda pessoal seguranças treinados – e brancos – que serviram ao presidente anterior, para trabalhar lado a lado com os seguranças negros de sua própria confiança, o que causa uma rejeição imediata por parte desses últimos, demonstrando que a segregação existia, era um caminho de mão dupla, no país do *apartheid*. E afirma:

Quando a Nação me vir em público, verá meus guarda-costas [brancos e negros]. Vocês me representam diretamente. A nação multiracial começa aqui. A conciliação começa aqui. O perdão começa aqui também. O perdão liberta a alma, afasta o medo. Por isso é uma arma tão poderosa (*Mandela*, no filme)

Após a adoção das medidas iniciais, entretanto, observa que deveria descobrir novas formas de unir o povo, uma vez que a minoria branca continuava a não o apoiar. A nação apresenta altos níveis de desemprego e de criminalidade, os jornais estampam manchetes como “Ele foi capaz de ganhar uma eleição. Será capaz de governar um país?”, segundo o exibido no filme, evidenciando a provocação do destinador/mídia/afrikaner sobre o destinatário/população, neste caso envolvendo brancos e negros, na tentativa de despertar um não crer em relação ao novo presidente e sua desestabilização, antes mesmo de ser testada sua

capacidade para governar o país. Ao ler a manchete do jornal “Um dia no cargo, mas poderá governar?”, Mandela sabiamente comenta com seus guarda-costas (até então, apenas negros) “A dúvida procede”, mostrando-se conhecedor do grande trabalho que teria pela frente para obter sucesso e a aceitação pública também dos *afrikaners*.

O sujeito/herói Mandela e o rugby como objeto-modal

Mandela deduz que governar significaria eliminar os conflitos raciais, o que somente conseguiria se obtivesse uma causa suficientemente forte para unir toda a nação em um único objetivo: despertar o orgulho do povo sul-africano. Empreendendo a luta para alcançar o sonho da “nação arco-íris” em que coexistiriam pacificamente seres de todas as raças, necessitaria encontrar um símbolo capaz de unir brancos e negros, jovens e velhos. Ao assistir a uma partida do time nacional de rugby Springbok, um time perdedor, desacreditado pela própria população branca, Mandela desenvolve um plano: apoiar os jogadores e levá-los a crescer em credibilidade, atrelando sua própria credibilidade à do time: era perder ou ganhar. O rugby torna-se o objeto-modal necessário ao sujeito Mandela para alcançar seu objeto-valor: a união do povo sul-africano.

Um motivo para a escolha desse time de rugby, dos brancos, e não um de futebol da maioria negra, deveu-se justamente ao fato de Mandela precisar obter a simpatia dos brancos, embora o Springbok significasse uma espécie de símbolo do apartheid para a maioria negra. Na tentativa de unir todos na torcida para que o time chegasse às finais do Campeonato Mundial que a África do Sul sediaria dentro de um ano, Mandela pede pessoalmente aos líderes do Conselho Nacional de Esportes, composto pelos de sua raça, que apoiem o Springbok, deixando subentendido que o apoio se estenderia a ele mesmo, presidente. Sua atitude é entendida por sua assessora como um cálculo político, ao que Mandela retruca: “É um cálculo humano. Se tirarmos deles [*afrikaners*] o que eles prezam – os springboks, o hino nacional –, apenas fortaleceremos o medo que temos uns dos outros. Farei o impossível para interromper esse ciclo ou ele nos destruirá.” (fala do filme *Invictus*). Dessa fala, pode-se deduzir o tema da conciliação, figurativizado no acordo com os membros do conselho.

Apesar da boa vontade de Mandela, o tema da intolerância continua a se manifestar entre brancos e negros, o que surge figurativizado na fala de um segurança (branco) de Mandela, no filme: "o futebol é um esporte inventado por cavalheiros, mas praticado por hooligans; já o rugby é um esporte inventado por hooligans, mas praticado por cavalheiros".

Em uma atitude para persuadir a maioria negra a aceitar e a apoiar o Springbok e o esporte que o time pratica, em pleno treino para a Copa do Mundo de Rugby envia os jogadores do time nacional para ensinar o esporte a crianças negras em favelas da cidade. Como destinador/presidente, investe os destinatários/jogadores de um dever-fazer, a fim de que, em contato com as crianças, desenvolvam a competência do poder-fazer e realizem a performance (ou fazer-fazer) obter a simpatia/aceitação das crianças e de seus pais, por meio de um gesto magnânimo, atitude que obtém êxito, pois o esporte acaba sendo popularizado entre os carentes, sendo que o destinador sanciona positivamente o destinatário.

O tema da aceitação está figurativizado no menino pobre nas cercanias do estádio, no dia da disputa final do campeonato, tentando de todas as formas possíveis se aproximar do carro da polícia – seu histórico persecutor – que mantinha o rádio ligado na partida que estava sendo disputada. Também está figurativizado nas ruas pobres da cidade totalmente desertas, logo que o jogo começa, com as pessoas se aglomerando diante de uns poucos aparelhos de televisão ligados em bares, o mesmo ocorrendo em algumas casas, em que alguns patrões uniram-se aos empregados diante de televisores, para assistirem aos jogos.

Visando utilizar o time como objeto modal para atingir a aceitação dos afrikaners (brancos) e obter a união nacional, seu objeto valor, o sujeito Mandela, investido da condição de destinador/manipulador, persuade o destinatário/população negra a apoiar o time dos brancos, visando à vitória no Campeonato Mundial. Ao mesmo tempo, enquanto destinador, investe o destinatário/capitão do time/François Pienaar de um querer e de um dever-fazer: realizar seu difícil trabalho em favor da nação. Para persuadir o destinatário utiliza recursos manipulatórios da ordem da Provocação, em que o investe de valores negativos: "Precisamos de inspiração, François. Porque para construir nossa nação precisamos ir além de nossas próprias expectativas", esse recurso ele utiliza após saber pelo jogador que este não considerava trabalho primordial ser capitão do time de rugby, pois possuía uma firma

comercial, ao que Mandela retruca: “Capitão dos Springboks. Um trabalho muito difícil.”, ignorando a resposta de Pienaar, o que deixa subentendido que o trabalho no time era o que realmente deveria importar; essa atitude configura a provocação, pois negligenciando o que Pienaar considera sua profissão, o presidente deixa transparecer que ela não é digna de mérito.

Observa-se neste ponto do filme que Mandela persuade o jogador não apenas a aceitar seu nacionalismo e seu papel enquanto líder de um time, mas, sobretudo, sua responsabilidade para com a nação. Dessa forma, leva François Pienaar a encarar o campeonato como algo muito além de uma série de jogos, ou seja, como uma forma de obter o orgulho para seu próprio time e tornar-se o orgulho da nação. A partir de recursos que aprendera durante o tempo na prisão e o conhecimento adquirido da personalidade, da língua e mesmo da poesia dos *afrikaners*, por meio do contato com os guardas do presídio, Mandela utiliza técnicas motivacionais como forma de manter o espírito inquebrantável, para induzir o jogador a acreditar em si mesmo e a lutar pela vitória, indiretamente obtendo também dele e dos outros jogadores a crença em sua própria capacidade para governar.

Dessa forma, leva o capitão a se interessar não apenas pela vitória do time, mas, sobretudo, pela união da Nação. Em termos semióticos, enquanto sujeito de fazer, Mandela está disjunto do objeto valor “Nação unida”; dessa forma, necessita de um objeto modal (time de rugby campeão) para ficar em conjunção com seu objeto valor. Enquanto destinador, investe o destinatário/capitão do time de um querer-fazer (ser campeão), primeiramente e, depois, de um dever-fazer (desejo patriótico), levando-o a adquirir as competências do poder e do saber-fazer, uma vez que, perdedores, estavam aparentemente desprovidos dessas modalizações no nível do ser (apenas *pareciam* ser jogadores). Uma das atitudes motivadoras que tem para com François é entregar-lhe a poesia **Invictus**, de William Henley, que sempre lia na prisão como forma de se motivar, com o objetivo de que a mensagem transmitida pela poesia funcionasse como um objeto mágico: Pienaar é persuadido, o sujeito Mandela obtém seu objeto-modal – time de rugby – para atingir seu objeto-valor: a união do povo sul-africano.

“Invictus” (1888)

Out of the night that covers me
black as the pit from pole to pole
I thank whatever gods may be
for my unconquerable soul.

In the fell clutch of circumstance
I have not winced nor cried aloud
Under the bludgeonings of chance
my head is bloody, but unbowed.

Beyond this place of wrath and tears
looms but the horror of the shade
and yet the menace of the years
finds, and shall find me, unafraid

It matters not how strait the gate
how charged with punishments the scroll
I am the master of my fate
I am the captain of my soul

William Earnest Henley (1849-1903)¹

Invictus

Sob o manto da noite que me cobre
negro como as profundezas de um pólo a
outro
Eu agradeço a todos os deuses
por minha alma invencível.

Nas garras ferozes das circunstâncias
Não me encolhi, nem derramei meu pranto
Golpeado pelo destino
minha cabeça sangra, mas não se curva.

Longe deste lugar de ira e lágrimas,
só assoma o horror das sombras
ainda assim, a ameaça dos anos me
encontra
e me encontrará sempre destemido.

Pouco importa quão estreita seja a porta
quão profusa em punições seja a lista
Sou o senhor do meu destino
Sou o capitão de minha alma

(Tradução do filme)

A partir do contato mais constante com Mandela e após a leitura da poesia, entregue a ele em um momento particularmente importante do campeonato, François sente-se impelido a conhecer mais sobre o homem que se tornou presidente; assim, juntamente com os jogadores do time vai até a prisão e conhece a cela onde Mandela passara 27 anos. Essa é uma prova decisiva para ele e para os demais jogadores, pois a imagem do homem que ficara preso em um lugar tão pequeno, durante tanto tempo e mesmo assim conseguira manter a sanidade e aprendera a perdoar seus algozes é um dos maiores elementos de motivação. Mandela persuade pela emoção, em termos retóricos, ainda que utilize elementos da ordem da sedução, enquanto destinador, ao investir os destinatários/jogadores de valores positivos, induzindo-os a um querer-fazer: provar a esse homem especial que podem vencer.

O presidente, que acompanhara de perto o desenvolvimento do time, a contratação de um novo técnico, os treinos exaustivos dos jogadores e a atribuição

¹ <http://www.poemhunter.com/poem/invictus/>

de uma crença na vitória dos rapazes, quando indagado, transmitia à nação, de forma simbólica, a vinculação de sua ascensão, juntamente com a do time. As mudanças que sugere a Pienaar que transmita aos jogadores de forma a motivá-los são tão acentuadas, que se antes os jogadores se recusavam a cantar o novo hino nacional instituído por seu governo, terminam convencidos a aprendê-lo, quando ouvem do capitão que a letra, em dialeto diferenciado do afrikaner significava “Deus abençoe a África do Sul” e que eles, jogadores, estavam precisando ser abençoados.

Uma figurativização do tema da união inabalável que os jogadores alcançaram está representada durante a abertura da final do campeonato, quando o time da Nova Zelândia é confrontado, embora fosse constituído, em grande parte, por maoris que executavam uma dança tribal antes de cada jogo, temida por seus adversários, por acreditarem em sua poderosa *haka* (magia). Preocupado com essa dança, Mandela, ele próprio um descendente de shosa e conhecedor dos costumes tribais, procurava uma solução para enfrentá-la. No filme torna-se evidente que encontrou essa solução, quando os bokkers ficam frente a frente com os maoris, olhando-os calmamente, enquanto eles executam a dança da batalha; lado a lado, os jogadores sul-africanos, com os braços passados pelos ombros uns dos outros, formam uma corrente humana, com os elos bem unidos, que nenhuma força mágica poderia quebrar. A motivação funciona, o time vence, estava criado o mito.

No nível fundamental contrapõem-se os elementos semânticos intolerância x aceitação, sendo que no quadrado semiótico o caminho de Mandela enquanto sujeito que busca a aceitação e a união do país caminha do **parecer**, para o **não-parecer** e para o **ser**, ou seja, segue de uma “aparente” função inicial de presidente, posto que não possuía credibilidade entre os *afrikaners*, para seu reconhecimento e sua aceitação enquanto presidente de fato e de direito, quando a torcida branca grita seu nome no estádio, na final do campeonato.

O mito e o herói clássico

Os mitos, segundo Eliade (1972), constituem histórias primordiais de um povo, por eles consideradas sagradas, e tratam de temas como o início e o fim do mundo (cosmogonia e a escatologia), o surgimento de determinado herói e a salvação de um povo por ele, além de narrarem como determinados xamãs

obtiveram seus poderes. Essas estórias estão relacionadas a seres sobrenaturais que tomaram parte na criação, nos começos, e são narradas em todas as culturas humanas. A saga do herói surge em diversas culturas como forma de determinar valores e padrões a serem seguidos; sob essa ótica, o herói constitui um modelo. Na cultura judaico-cristã, Jesus Cristo segue esse padrão. Na Grécia Antiga, Ulisses, Hércules, Teseu e Ajax, entre outros, desenvolveram um percurso rumo à conquista da heroicidade, uma vez que possuíam apenas a vontade e a coragem, mas necessitavam obter o comedimento, a temperança, e a sabedoria, atributos desejáveis entre os gregos.

Dotado de vontade, o futuro herói deverá desenvolver ideais nobres e altruístas, além de aprender o valor da justiça, da moral, da liberdade, da fraternidade, do sacrifício em prol de um povo ou de uma causa e, finalmente, da paz. A trajetória do herói - segundo Pinel (2003) - é definida pela manifestação de suas ações no cotidiano do mundo, enquanto empreende a jornada em busca de si mesmo, ou seja, segue do egoísmo para o altruísmo. Segundo o autor, em sua trajetória o herói deve conhecer a si mesmo; motivar-se ou desejar ocupar determinado lugar; ser humilde, estando sempre disposto a novos conhecimentos; ser audacioso e persistente; e fazer por merecer. Mandela, segundo o filme de Eastwood, se encaixa nesse perfil, pois apresenta características altruísticas, humildade, sabedoria e luta com persistência por um ideal: a união da África do Sul.

O percurso do herói rumo à heroicidade pode ser observado nos estudos de Propp (1984) sobre os contos maravilhosos, em que relaciona trinta e uma situações pelas quais passa o futuro herói, as quais denomina “funções”, que têm início a partir de uma situação inicial em que ocorre o **afastamento** ou saída de casa, que determinará o início do percurso rumo ao aprendizado. No caso de Mandela, sua prisão na Ilha de Robben evidencia esse afastamento, embora consiga comandar a luta contra o apartheid de dentro da prisão, enviando cartas à comunidade internacional, de quem passa a receber apoio crescente para sua causa, por mais de vinte anos. Assim, apesar de ocorrer a função **proibição** que o afasta do contato com o mundo exterior, ele também continua a comandar os membros do CNA (Congresso Nacional Africano), o que o leva à **transgressão**, nova função apontada por Propp, a qual surge na forma do antagonista “nova condenação” (agora como inimigo da pátria), que amplia sua pena de alguns anos,

para a perpétua.

As demais funções **interrogatório, informação, ardil, cumplicidade** não são mostradas no filme, mas a seguinte, **dano** (causado pelo antagonista à família do herói) é mencionada pela filha de Mandela, que condena sua amizade com François Pienaar, pois diz que ele se parece com o homem que a expulsara, bem como a sua mãe e irmãos de casa, quando o pai estava preso. A seguir, surge a função de **carência** ou seja, o futuro herói necessita de um objeto mágico ou ajuda similar que o possa auxiliar. Mandela necessita de algum apoio externo para ter sua pena comutada, o que acontece, por pressão mundial, que leva o presidente sul-africano De Klerk, a libertá-lo, após 27 anos de prisão, o que configura a função de **mediação**.

A função **início de reação** não aparece no filme na ordem esperada, pois esse momento de Mandela que antecede a saída da prisão não é mostrado, apenas sugerido, pelo poema **Invictus**, em que ele enfatiza ser o capitão de sua própria alma. É um herói-buscador, na definição de Propp (1984), que deixa a prisão (**partida**) e chega à cidade, causando comoção entre os negros que o reconhecem como herói. Como o herói clássico que retorna de sua longa jornada, Mandela agora tem seu papel a cumprir em sua *polis*, para onde traz o aprendizado obtido durante seu afastamento, por meio de cartas, leituras, reflexões e trocas de informações com personalidades de vários países. Sua **primeira função como doador** é a de interferir nos conflitos em Durban e apaziguar os jovens, pedindo paz. Ao vencer as eleições, Mandela é “o herói que vence o ser hostil” (PROPP, 1984, p.43), na função **reação do herói**, mas necessita do objeto mágico para obter a aceitação popular. A idealização do time de rugby campeão é “o meio mágico que passa às mãos do herói” (PROPP, 1984, p.44), definido pelo **fornecimento – recepção do meio mágico**.

A função seguinte **deslocamento no espaço entre dois reinos, viagem com um guia**, em que “o herói é transportado, levado ou conduzido ao lugar onde se encontra o objeto que procura” (PROPP, 1984, p.49) apresenta duas situações que se desdobram na definição **combate**: Mandela sendo levado por seus guarda-costas à sede do Conselho Nacional de Esportes, onde está ocorrendo a votação para a retirada do escudo e do nome do Springbok, após uma derrota para um time adversário, momento em que ele persuade os membros a uma nova votação e

consegue obter o apoio para que sua luta continue, Propp denomina essa situação elemento D (p.50), em que o herói recebe um objeto que deve auxiliá-lo na continuidade de sua busca. E a situação em que “encetam uma competição”, elemento H2, em que Mandela é conduzido ao estádio para assistir à final do campeonato.

A próxima função **marca, estigma**, em que o herói recebe um atributo, ocorre quando Mandela entra em campo vestindo o boné e a camisa no. 6 do time do Springbok, correspondente à posição de François Pienaar, o que configura também para os adversários a credibilidade que o próprio presidente coloca no time nacional, do qual ele também se considera um “capitão”. A função “o antagonista é vencido” (*vitória*) para Mandela não se resume apenas à vitória do time sobre o adversário, o que fica evidente tanto no fato da torcida *afrikaner* ovacioná-lo (“Nelson! Nelson!”) ao entrar no campo para saudar os jogadores, antes de a partida ter início, quanto pelo fato de as bandeiras agora desfraldadas no estádio serem, em sua maioria, as do novo governo e as do time, bem como o novo hino nacional ser cantado por todos os jogadores e grande parte do público. A função que coroa o sucesso de Mandela vem a seguir, quando “o dano inicial ou a carência são reparados” (PROPP, 1984, p.51) (**reparação de dano ou carência**), em que o objeto de busca de Mandela foi obtido mediante o uso de sua astúcia. A narrativa fílmica segue até esse momento da vida do herói, o que não permite a análise das demais funções que Propp registra na sequência, até a vitória final, pois seriam os anos de governo de Mandela na presidência, o que o filme não aborda.

Considerações finais

Em **Invictus**, Mandela é um herói que adquiriu a capacidade de perdoar, em seu período de 27 anos de reclusão, também aprendendo a dominar a sua impetuosidade que o levara de início à prisão. A capacidade de conciliação e sabedoria é apresentada logo ao sair da prisão, quando vai até Durban para obter a paz entre os jovens.

A atitude de humildade pode ser observada ao levantar-se de madrugada, em seu primeiro dia como presidente e arrumar a cama ao sair para caminhar; a seguir, chama um dos guarda-costas pelo nome e pergunta pela saúde de sua mãe,

atitudes cordiais e que denotam simplicidade, familiaridade. Também no estádio, antes do jogo de rugby, entra e cumprimenta os jogadores, um a um, depois se dirige a um torcedor (branco), na arquibancada, que segura a nova bandeira, agradecendo-o por honrá-la.

A transformação que Mandela conseguiu imprimir ao país e o apoio que obteve com o auxílio do time de rugby está figurativizada em sua primeira entrada como presidente no campo, para saudar os jogadores, sendo vaiado e aplaudido pelos torcedores divididos, o que lhe indica o caminho que deverá trilhar para obter o apoio da maioria. Um outro traço figurativo desse mesmo momento são as bandeiras do apartheid, presentes em grande quantidade no estádio. Ao final da jornada empreendida por Mandela/herói, apoiado pelos jogadores e torcedores do time de rugby, que ele leva a crescer exponencialmente, a situação se inverte: ao entrar no estádio antes da partida final do campeonato é unanimemente ovacionado, não há mais vaias; também as bandeiras nacional e do time dominam o cenário, bem como a presença da empregada negra que acompanha os patrões ao estádio para assistirem juntos à final do campeonato, constitui uma marca da união obtida.

Ao final do jogo, os guardas de fora do estádio comemoram, erguendo o garoto negro e colocando o quepe de um deles na cabeça do menino. O povo sai às ruas para comemorar, em uma mistura de raças e bandeiras, tal como queria o presidente. Em seu carro, no meio da multidão, Mandela saboreia a vitória, lembrando-se dos últimos versos da poesia de William Henley: “Sou o senhor de meu destino/Sou o capitão de minha alma”.

Referências

BARROS, D.L.P. **Teoria do discurso**. São Paulo: Atual, 1988.

___ & FIORIN, J. L. (org.) **Dialogismo, polifonia, intertextualidade**. São Paulo: EDUSP, 2003.

BETTELHEIM, B. **A psicanálise dos contos de fada**, 12^a ed. São Paulo: Paz e Terra, 1998.

CAMPBELL, J. **O poder do mito**. São Paulo: Palas Athena, 1991.

___ **O herói de mil faces**. São Paulo: Pensamento, 2007.

ELIADE, M. **Mito e realidade**. São Paulo: Perspectiva, 1972.

HENLEY, W. E. Invictus. <http://www.poemhunter.com/poem/invictus/>. Acesso em 12/10/2010

KOTHE, F. R. **O herói**, 2ª.ed. São Paulo: Ática, 1987.

PINEL, H. **Educadores de rua**. Belo Horizonte: NUEX-PSI, 2003.

PROPP, V. I. **Morfologia do conto maravilhoso**. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1984.

VERNANT, J. P. **As origens do pensamento grego**. Rio de Janeiro: Difel, 2002